N.º 14 (136) — 3.º ANNO

Terça-feira, 31 de Janeiro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

Typographia A NACIONAL

38, Rua da Conceição da Gloria, 40

O ZÉ

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

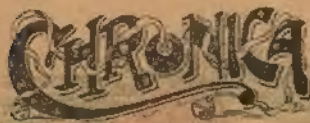
Homenagem aos heroes de 31 de Janeiro de 1891

1891-1910

Victor Hugo escreveu que as ideas precisam da sancção da derrota.

O que este conceito pretende significar é que ás ideas so começam a viver quando sahem do dominio abstracto da razão e passam a chamar-se conflicto, sangue, lagrimas, dôr.

A derrota de 31 de janeiro é a primeira, porventura necessaria «etape» da republica victoriosa.

João Chagas

TRES DATAS

Os homens heroicos da Historia não foram uma historia nem passaram á historia. Nos nossos dias ha d'essas figuras homericas, frias para o amor, quentes... e boas para a Gloria. Digo nos nossos dias e não noites porque o que póde haver nas nossas noites de boa memoria, é alguma mulher... figura não menos celebre... em nos fazer perder muito dinheiro, idem juizo como se nos tivesse tirado os miolos para fóra da cabeça.

Vou-me referir pois aos homens de ferro (não desfazendo o da procissão de S. Jorge) aos homens de energia de aço, de vontade de chumbo de temperamento de... (qualquer outro metal pesado).

Podia metter os homens de braço de prata, e os da perna de... pau mas prefiro os grandes homens. Digo grandes homens e não homens grandes como Chaby, Souza Coutinho, Alpoim e outros, porque para aquelles palavras não ha que os encham de louros, emquanto que para estes não só teriamos de recorrer a todos os diccionarios, como ao... metro, ao kilometro, ao gramma coisas que o leitor não gramma, além de que, os homens... gordos já são de si geralmente louros.

Os grandes homens do «dia»... que findou foram Alpoim e Moreira de Almeida; os grandes homens do dia são aquelles que como Chagas patentiou as chagas da monarchia, que lhe malhou como Malheiros, que a roeu como o Coelho roe a couve e como Leitão que a Parca levou e cuja perca lamentamos na porca da vida.

Eis 4 homens com... quinhões eguaes na 1.ª etape da Republica que entupe por momentos a queda do corpo... gordo, symbolo d'um regimen que queria pôr o povo ao regimen de pão e... pau!

Eis 4 almas, alma da revolta da alma popular de 31 de Janeiro de 1891 para se pôr ponto final nos Braganças.

*

Historiemos. Principios de 1890 tinham partido para o poder os progressistas, partido todo quanto ha de menos progressista, quando a Inglaterra praticou uma serie de actos abusando de ser forte, seu fraco, sendo o seu ultimo acto o «ultimatum», o que é o maior vexame, segundo os livros, para os povos livres. Por causa de uns exploradores nossos em Africa, John Bull quiz explorar-nos, e tendo aquelles feito feitos, fazendo valer pelas armas, os seus direitos, os inglezes tortos como arrochos e roxos de despeito disseram pela bocca de Salisbury que a sua nação se achava offendida, e dada esta condição, impoz ao Governo duras condições, sob pena de não terem pena em travar-se um conflicto entre as duas potencias ou não nos achando com potencia, que não extrabassemos se nos atacassem caso não acatasse o Governo os seus dictames. As suas propostas, foram acatadas, o Governo decantado e o povo atacado... pela guarda municipal, quando se manifestava. Para liquidação do conflicto foi tratado o tratado de 20 de agosto, sem gosto para os portuguezes, por ser pouco civil e muito servil.

Tendo a policia e a guarda chegado ao povo a roupa ao pello veio o appello á revolta, unica volta a dar-se, digna. Tocados a rebate pelo «Rebate» pela «Republica Portugueza» e outros jornaes, os animos enthusiasmaram-se; a idéa germinou e minou a sociedade portuguesa de alto a baixo, da alta á baixa, do Norte ao Sul.

João Chagas anda em propaganda audaz e Santos Cardoso tem por si ao cabo de mezes, cabos e soldados, dados excellentes para uma revolta. Em 31 de Janeiro, a engrenagem da alliciação rebenta a corda e o Porto acorda ao grito, grato de Viva a Republica.

Mas... o Governo tinha conhecimento pleno do plano e por uma serie de factos angustiosos de horas terriveis tudo acabou. O que foi a revolta do Porto brotada da indignação que soffocava e suffocada com indignação bruta, todos sabem. Os revolucionarios do Porto tambem tiveram por si... Santos... Cardoso; mas faltou lhes o Machado, energico instrumento de precisão, preciso para derrubar thronos carunchosos.

*

Que figuras magestosas, odeando as magestades; que almas bellas expostas ás balas; que caracteres reaes, odeando as realezas, nos legou aquelle movimento!

João Chagas, alferes Malheiro, tenente Coelho, capitão Leitão, sargento Abilio, Santos Cardoso, o actor Verdial, Alves da Veiga, sargento Gallo, eis os nomes que a Historia aponta nas suas paginas de maxima gloria, que n'um dia de humilhação indigna, se revoltaram conscios dos seus direitos. Bravos e valentes portuguezes! Salvé!

*

Folheamos a Historia e novamente paramos. Deparamos com Buissa e Costa, que fizeram a Africa de não deixar ir parar á Africa os grandes caudilhos da sua causa, causa mais que sufficiente para o degredo.

Janeiro tão bom para os gatos está provado é mau para os republicanos. Depois do 31, o 28 aborta e se não é aberta a porta do regicidio... abriam-se as portas dos presidios.

Foi por isso que para se implantar a Republica se teve de mudar de mez.

Depois de Buissa e Costa, continua a... reinação. Elles foram o intervallo de 10 minutos a que se seguiu o intermedio comico da... acalmação, o joven... phenomeno, o escamoteador... Espregueira, a menina do cavallo, rainha... das atracções symbolisando o cavallo que a aguenta... o povo, todos os numeros invariaveis do programma da Companhia... de Jesus de que resultou a apotheose de 5 de outubro.

*

Intitulo esta chronica 3 datas porque historiei hoje o 31 de Janeiro, o 1 de fevereiro e a data..., de pancada que o povo apanhava sempre que se manifestava. 3 datas celebres... e uma só verdadeira: a... dita data sobre as costas do povo.

Armando Ferreira.

Aos martyres Buiça e Costa

Pesava sobre o Povo o despotismo bruto
D'um regimen de crapula vil, dissoluto,
Que humilhava a desgraça, e ria dos sem-pão,
Campeava a Mentira, irmã da Tyrannia
E a velha marafona, a infame monarchia
Sentava no seu throno um rei mau e ladrão!

O Povo portuguez gemia acorrentado
A' grilheta feroz d'um bandido malvado,
Que o poder transformara em arma torpe e vil;
E quem erguia a fronte, heroico e altaneiro,
Topava c'um espião infame e traiçoeiro
Que o prendia gemendo ao fundo d'um covil!

Foi n'esta occasião de torpe Tyrannia
Que o sol brilhou mais rubro ao decahir d'um dia
E um braço vingador d'entre o Povo se ergueu,
Vacilou a Opressão do cynico franquismo:
Era o braço do Povo epico d'heroismo,
Contra quem o vendeu!

....

Abri o coração á memoria querida
De quem n'um gesto impoz, vendendo cara a vida,
A Verdade á Mentira e o Bem ao torpe Mal;
Guardae no coração os nomes sacrosantos,
D'aquelles que morreram, os martyres santos,
P'ra salvar Portugal!

Joaquim Neves.

♣

Do numero unico «31 de Janeiro» publicado em 1910

O "ultimatum,, e o 31 de janeiro

O *ultimatum* demonstrou calorosamente a todos os patriotas o nosso enfraquecimento financeiro e militar: não tinhamos armamentos e soldados, nem tinhamos meios para nos apercebermos d'improviso em defeza da integridade do nosso territorio ameaçado pela cubiça do estrangeiro. Os protestos da alma nacional tinham de surgir. Foi effectivamente na sua irritação profunda que se gerou a Liga liberal, protesto da officialidade, ainda esperançada na transformação liberal das instituições, e a revolução de 31 de janeiro, protesto sobretudo dos sargentos, mais identificados com a massa popular e por isso em hostilidade aberta com a monarchia.

Um e outro movimento, pacifico e revolucionario invocam a liberdade para o resurgimento da reacção; e isso os nobilita. Os revolucionarios que morreram em 31 de janeiro, morreram pela patria. Honra lhes seja! O seu desastre atrazou a marcha das ideias, sobrexcitando e encorajando a reacção? Mas o seu exemplo, como o de todo o sacrificio generoso, não podia deixar de ser fecundo.

Bernardino Machado

A logica dos acontecimentos

O Sangue do 31 de Janeiro não se perdeu, porque creou o heroismo de 5 de Outubro. Tinha razão Victor Hugo, quando dizia que as ideias precisam da sancção da derrota. A revolução vencida tornou-se uma revolução vencedora.

A marcha das ideias pode ser interrompida, mas nunca aniquilada. O 5 de Outubro vingou a memoria dos martyres do 31 de Janeiro. Ao povo se deve esta bella reparação de justiça: ao povo, portanto, compete guardar a sua obra, vigial-a e fiscalisal-a de perto.

A Republica portugueza foi obra do povo e para o povo tem de ser.

Magalhães de Lima

31 de Janeiro

Meu caro Estevão de Carvalho

Da primeira vez que me deu a honra da sua visita, á redacção da fallecida A Revolta *pediu-me umas linhas para o seu numero de hoje. Vou satisfazer-lhe a vontade, ainda que mal saiba cumprir o meu compromisso.*

Para mim, o 31 de Janeiro do Porto, *foi o precursor da implantação da Republica em Portugal*

O Sangue dos martyres da traição de uns, e da precepitação de outros como que nos pedia vingança a toda a hora. Os heroes da Rotunda no dia 5 de Outubro do anno que acabou vingou-os e bem. Mas se aquelle 31 de Janeiro foi a pedra angular para o edificio da Republica, creio, que esta é a entrada para o Socialismo, fórma de governo ainda mais racional do que a propria Republica e por isso eu o bem digo e o acato com prazer. D'aqui até lá caminhemos aperfeiçoando, eduquemo-nos educando para receber aquelle regimen que mais dia menos dia será a verdadeira forma de governo de todos os paizes mais cultos.

Gloria, pois, aos heroes do 31 de janeiro *porque são os verdadeiros heroes do Socialismo futuro!*

Seu am.° obrig.°

Leandro Navarro

Recordando...

Quando ha um anno escrevi no antecessor d'este jornal de combate o artigo «Dois homens», que mereceu as honras de um processo, mal previa que mezes passados a Republica estava implantada em Portugal e que eu voltava á primeira forma do meu antigo combate. Todavia, o facto não me impede de recordar, como ha um anno, os nomes de Buiça e Alfredo Costa—as mais authenticas e gloriosas figuras de heroes que surgiram em terra portugueza. Quando a tyrania uivava sinistramente em volta da liberdade, preparando-se para nos fusilar ou assassinar, esses dois homens, encarnando a alma popular, approximaram-se do rei—executando-o. Cumpriram os desejos de todos. Aquelles que ostensivamente condemnavam o atentado, no fundo aplaudiam-o... diziam que essa dualidade era «politica...»

Mas os dois luctadores que sacrificaram a vida á tranquilidade de todos, queriam uma Republica nobre, altiva, aberta a todas as idéas, uma Republica do povo e para o povo, na qual o proletariado fosse a suprema força. Buiça e Costa eram libertarios. O segundo mais militante do que o primeiro—mas sonhando ambos a mesma sociedade, sem peias, leis oppressivas e divisão de classes.

Convem recordal-os. A sua obra foi tão grande que jámais será esquecida. Elles foram um protesto contra a monarchia e sel-o-hão contra a Republica, se ella se afastar do povo para incensar a burguezia corrupta e corruptora que nos vexa e explora.

Janeiro-1911.

José do Valle

Palavras d'um soldado

Eu, meu senhor, explica ao presidente do tribunal, não sei o que é a Republica, mas não póde deixar de ser uma cousa santa. Nunca na egreja senti um calafrio assim. Perdi a cabeça então, como os outros todos. Todos a perdemos. Atirámos então as barretinas ao ar. Gritámos então todos: viva, viva, viva a Republica!

Do «Manifesto dos emigrantes da Revolução Republicana Portugueza de 31 de Janeiro de 1891».

Se o movimento de 31 de Janeiro vingasse teria evitado presumivelmente, a tragedia de 1 de Fevereiro.

Cunha e Costa.

Dois martyres

Faz precisamente três annos ámanhã, 1 de Fevereiro, que dois homens cheios d'aquella fé, d'aquella abnegação, d'aquelle amor sublime que leva ao sacrificio da propria vida, cahiram varados pelas balas dos assalariados d'aquelles, que eram contrarios ás suas idéas.

Que tinham feito esses dois homens?

Tinham, com uma bala, posto um ponto final n'uma serie de esbanjamentos, de ladroeiras, de presegições politicas, de imoralidades sem nome.

Tinham feito baquiar um ministro despota, que encerrára nos calabouços dos Paulistas, do Carmo e do Cabeço de Bola, os homens cujas idéas eram mais vastas, mais liberaes, mais sublimes, mas que lhe não convinham a elle, porque o offuscavam, o opprimiam, o suffocavam,

Tinham finalmente rasgado com um tiro, a tréva com que a liberdade se envolvia, e feito uma luz nova, annunciadora da alvorada que havia de resplandecer a 5 de Outubro de 1910.

Todo o reinado do dictador João Franco, foi um rosario de vexames para a nação e de perseguições para os politicos.

Está ainda na mente de todos os fuzilamentos no Rocio, por occasião das eleições, os decretos vexatorios contra os republicanos, a celebre lei de 13 de Fevereiro e outros muitos factos que exaltaram o povo.

Então, d'entre esse povo, dois homens sahiram á estacada, cheios de esperanças no futuro e sem se importarem com a vida que podiam perder, sem se importarem com as familias que ficariam sem o seu braço, sem se importarem com os filhos que ficariam sem o seu amparo, e só pensando no bem estar dos seus semelhantes, resolveram acabar com tudo de vez.

Embuscaram-se nas arcadas do Terreiro do Paço, e, na occasião em que o chefe da nação passava, rodeado pelo seu sequito e pela sua guarda de honra, desfecharam contra elle.

Morto o rei, estava tambem morto o ministro, e com o ministro todo o ministerio.

Assim se acabava e se acabou felizmente, com aquelle enorme sudario do ministerio franquista, cujos descalabros a historia não deixará de registar.

Manuel Buiça e Alfredo Costa commettiam um crime á face da lei, e essa mesma lei mandava pelos seus agentes, commetter outro, assassinando-os a tiros de revolver.

Ficavam as contas saldadas?

Não, porque depois começaram então as perseguições a todos os individuos que tinham idéas avançadas.

Attribuiram aos republicanos todo o trama do regicidio, e como não ficassem satisfeitos da chacina do Terreiro do Paço, precisavam arranjar mais cumplices para saciar a sua sêde de vingança e então as prisões foram interminaveis.

Se aquelles dois homens não tivessem praticado aquelle acto de verdadeira coragem, quantas familias estariam hoje chorando os seus entes queridos, quantos crimes não se teriam commettido mandados executar pelo dictador?

Não se póde calcular, mas a opinião geral, conhecido como é o caracter d'aquelle despota, é de crer que fossem bastantes.

O *Zé*, dando hoje á estampa os retratos d'esses dois martyres, que se chamavam Manuel Buiça e Alfredo Costa, cumpre um dever sagrado, o qual é perpetuar a sua memoria e tornar publico o nome d'aquelles que tanto concorreram para o bem estar de todos nós, rasgando com um tiro, a tréva em que a liberdade se envolvia, e fazendo uma luz nova, annunciadora da alvorada que havia de resplandecer a 5 de outubro de 1910.

A obra dos vencidos de 31 de Janeiro, foi gloriosa, porque sem ella não se teria dado uma resposta emmorredoira á bofetada de 11 do mesmo mez.

A Revolução é a Humanidade triumphante e gloriosa a caminho do futuro.

Fernão Botto Machado.

A revolução de 31 de Janeiro, levianamente julgada por espiritos superficia. tem sido considerada por muitos como um movimento prematuro.

Seria; mas a extensão e a gravidade dos males presentes dão uma eloquente justificação á sua precocidade. A historia absolveu sempre as precipitações da coragem; sómente não tem perdão para as estagnações da cobardia.

Alexandre Braga.

Ha um anno...

Meu caro Estevão:

Pede-me um artigo para o seu jornal. Com o maior prazer satisfaço o seu pedido, n'este dia de inolvidaveis recordações.

Vou lembrar-lhe simplesmente o meu crime de ha um anno, fazendo reviver uma pagina violenta de combate n'este momento em que Portugal conseguiu libertar-se da tutella jesuitica d'um regimen de crapula e de ignominia.

Dedico-lh'a sinceramente porque o meu amigo bem merece os respeitos de todos os convictos liberaes pela desassombrada altivez com que sustentou no seu valente semanario «O Xuão» uma campanha energica e demolidora, destruindo pelo riso sarcastico, pela gargalhada voltaireana, pelo dichote de escarneo e de ridiculo uma instituição envolta em lama, desfazendo-se na podridão dos «adeantamentos» illegaes, das perseguições ignobeis e das mil e uma bambochatas, que deram causa á sua ruina.

Ha um anno precisamente eramos nós intimados, meu caro amigo, por um empregado da justiça monarchica a apresentar a nossa contestação n'um processo de querella movida pelo douto delegado do Ministerio Publico, que possuia o inegualavel talento de reproduzir com toda a fidelidade, sem alteração d'uma virgula os discursos que apodreciam nas estantes, envoltos em poeira e em teias de aranha.

Porque esse regimen desappareceu debaixo das balas vingadoras do povo portuguez e porque os defensores da liberdade conquistaram as cadeiras do poder convem rememorar a violencia monarchica.

João Chagas apreciou a minha modestissima prosa e em pleno tribunal declarou—que honra para um pygmeu!—não ter duvida de subscrever o artigo porque era sensato e sobretudo sincero.

Hoje que a minha sinceridade republicana está, felizmente para mim, posta em duvida pelos apaixonados e pelos facciosos convem a reproducção.

Envio-lhe um abraço, meu caro Estevão, e tenho a enorme satisfação de participar-lhe que não sou seu correligionario.

A monarchia ficou derrubada e o meu posto de combate na fileira republicana terminou.

Agora vou para onde a minha consciencia me encaminha, pugnando por mais elevados ideaes.

Seu muito amigo

ALBERTO BARBOSA.

(Segue o artigo querellado)

HA 19 ANNOS

Ergam-se as pedras da rua
Para formar barricadas...

Guilherme Braga.

Foi ha 19 annos...

O povo português divorciado do regimen que o conduzia á ruina, incompativel com um rei que o odiava, n'um impeto de ardente revolta, com o enthusiasmo da sua alma vibrando no amor á Liberdade, demonstrava com o seu protesto energico, que era cioso da sua independencia, alcançada no fim de tantas luctas e á custa de tantas vidas.

Dois Martyres
Manuel Buiça
Alfredo Costa

A arraia miuda mostrava a todo o mundo que se sabia soffrer, sabia tambem revoltar-se contra a monarchia traidora, solidaria com a desleal Inglaterra, que mais uma vez nos desfeiteava com a brutalidade caracteristica do seu temperamento...

Ha 19 annos já o povo portuguez aspirava á Republica, ha 19 annos já o regimen estava divorciado da nação...

E hoje que o paiz ainda é dominado por um rei, que a burla do Constitucionalismo ainda se contorce nas vascas do seu prolongado estertor o povo—o bom, o sincero povo portuguez recorda com saudade e admiração os heroes da Revolta do Porto.

O dia de hoje é de alegria porque rocorda um feito heroico, é de tristeza porque nos traz á memoria aquelles bravos que, morrendo pela Liberdade, sacrificando-se pela Républica, offereceram o seu peito arquejante de enthusiasmo, o seu coração febril de anciedade ás ballas traiçoeiras da monarchia, aos canhões atroadores, que se disparavam em defeza do throno e de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I, o tyrano que mais tarde havia de pagar bem caro tanta infamia, tanto esbanjamento e tanto assassinio...

Como nos dá coragem para novas luctas lembrarmo-nos do dia 31 de janeiro de 1891!

Como nos dá vigor e alento para o nosso espirito de revoltados, refractario ao arbitrio e á prepotencia do Poder, pronunciar essa data, por tantos titulos gloriosa!

A ardente esperança de triumpho d'aquelles heroes deu-lhes vigor.

Fortes e altivos, audazes e vingadores responderam ao insulto britanico, procurando eliminar o regimen, que o soffria e apoiava n'uma attitude cobarde de rafeiro!

Então, como em 28 de janeiro, a tentativa revolucionaria falhou, attribuindo-se geralmente o lamentavel fracasso á indisciplina dos revoltados!

Não, camaradas, não foi a indisciplina, que segundo Jules Valés é a alma dos combates do povo; a causa de falhar o movimento ainda hoje, volvidos 19 annos, não podemos com segurança determina-la.

A Historia, na sua implacavel verdade, o dirá sem paixões nem facciosismos, legando aos vindouros em paginas de Heroismo, de Valentia, de Amor pela Liberdade e pela Republica, o mais bello e sublime legado, o mais util e proveitoso exemplo para combates futuros...

Lembremo-nos dos heroes, recordemos o dia 31 de janeiro e animados e fortalecidos prosigamos na lucta em que andamos empenhados e vamos á Revolução salvadora, n'este momento grave em que o reaccionarismo vae dominando em todas as classes, alugando braços, pervertendo consciencias!

Preparemo-nos, camaradas e com o ardor da nossa alma de revolucionarios, com a vehemencia do nosso espirito de libertaes, n'um gesto grandioso, que só nos póde nobilitar e engrandecer, façamos a apotheose da Liberdade, implantando a Republica na nossa patria!

E' a melhor commemoração d'aquelle heroico movimento...

...Foi ha **19** *annos...*

31 de janeiro de 1910.

Alberto Barbosa.

31 DE JANEIRO DE 1911

Soneto escripto depois da leitura da poesia de Guerra Junqueiro—«A Lagrima».

......................Uma encosta escalvada,
Secca, deserta e nua, á beira d'uma estrada,

GUERRA JUNQUEIRO.

31 de Janeiro! és a divina aurora
Que, sobre essa figueira ideal da Liberdade
Uma lagrima pura entornas, soffredóra,
Heroica, abençoada e santa, na verdade!...

Essa lagrima ingenua—o pranto da saudade
Da mãe que vê morrer o filho que ella adora,
Da noiva que o seu noivo inutilmente chora,
Da irmã que perde o irmão na flôr da mocidade!—

Essa lagrima ingenua e santa e divinal
Silenciosa caiu no velho Portugal,
=O cardo resequido e gasto de illusões...

E algum tempo depois o triste cardo exangue,(1)
Reverdecendo, dava uma flôr côr de sangue:
A Republica ideal dos nossos corações!...

MANUEL CHAGAS (Pardiello).

(1) Foi na heroica madrugada de 5 de outubro de 1910.

Duas Paginas de Historia

Na vida dos povos atravez os seculos sem fim ha movimentos quer individuaes quer collectivos que pela sua grandeza moral os elevam sobremaneira no conceito que mais tarde a Historia ha-de sôbre elles formar. Muitos d'esses movimentos levantam na occasião em que se produzem ondas de indignação e colera que mais tarde quando aquelles são julgados á luz da justiça e attendendo ao alto espirito de liberdade que os motivou, se transformam em ondas de applauso o mais fervoroso.

Os povos na conquista da maior e mais digna aspiração humana, a liberdade, derrubam sem temer os obstaculos que se lhes apresentem, por mais invenciveis que pareçam, e continuam com a mesma fé sem a mais leve parcella de remorso, a trilhar a estrada immensa das revindicações populares. Mal avisado andará aquelle que pensar, por um momento que seja, que se corta abruptamente a corrente de um rio, que se faz parar a queda d'agua d'uma catarata emquanto os dois niveis não se egualarem. Egualmente não pensará ajuizadamente o que imagina que o touro indomavel não fará sempre frente ao leão possante e vigoroso.

Os gestos patrioticos de 1908 e 1891 são a prova do que affirmamos. N'um são dois homens que vendo a sua patria em perigo, que vendo um desiquilibrado dispondo da vida e dos haveres dos seus compatriotas e um debochado completamente fanatisado por elle, perfeito manequim nas mãos d'um epileptico, encarnam em si a colera geral, resolvem fazer justiça por suas mãos e de carabina em punho esperando socegadamente o primeiro dos culpados do estado de terror que então pairava sobre a sociedade portugueza, disparam á queima roupa matando-o instantaneamente.

Cahiu a muralha que impedia a corrente e immediatamente ella recomeçou com a mesma impetuosidade, agora mais senhora da sua força, consciente do seu grande poder.

No segundo, em 1891, o grande povo portuguez, o epico, o sonhador, o conquistador povo d'outras eras mais venturosas, ergue-se e altivo impõe-se a um regimem sem dignidade que levava a sua falta de honradez ao ponto de permittir uma imposição extrangeira. Não menos bello movimento este que pertendia fazer resuscitar a nação portugueza do catafalco em que fôra lançada pela monarchia que a roubava e humilhava com o seu manto de podridões de toda a especie.

Ah! mas que havia a esperar do regimen que apenas imposto á nação uzára das violencias mais abjectas sobre os vencidos fazendo pôr as provincias n'um constante estado de terror de 1834 a 1851?

Derrotado, vencido covardemente, o povo portuguez não ensarilhou armas e luctando sempre, cada vez com mais ardor e anceando mais pela victoria final continuou o seu combate sem treguas á monarchia até á madrugada triumphal de 5 de Outubro, em que para Portugal começou uma era nova toda de liberdade e justiça.

EURICO ZUZARTE (Leão Grave).

Casos bicudos

VI

N'esta secção que fizemos apenas para apepinar e beliscar, mettendo a nossa choupa nos ridiculos da humanidade, temos hoje de nos referir a um «caso» que se nos afigura «bicudo», porque estando nós somente acostumados a rir, a perder-nos de riso como a Maria Rita, custa-nos, francamente, a falar serio

O caso de 31 de janeiro, não foi, como todos o sabem, um caso banal, como qualquer outro «caso bicudo» da vida; 31 de janeiro foi um caso excepcional, nascido da revolta, que germinava nas consciencias e abrasava as almas, e em que o Povo esperançoso, punha os olhos, como esperando a sua libertação.

A nação estava farta de tanta tyrania; o Povo, torturado, espesinhado, revoltava-se surdamente; os recursos nacionaes esgotavam-se; a miseria morava nas viellas; o vicio e a perdição pairavam ao redor das creanças anemicas e nuas; e por sobre toda esta amalgama de miserias e humilhações, echoavam as risadinhas aviltantes da estrangeira beata, que haviam importado da França, de envolta com os sons fugitivos dos violinos, e o ruido confuso das valsas. O rei passava imperturbavel fumando o seu charuto de cinco tostões, e cuspindo indifferente na miseria... E este charuto custava ao povo o mais amargo do seu suor, o mais duro do seu trabalho.

Para pagar este simples charuto o Povo deixava arrancar a pelle, e os cofres publicos eram postos a saque.

Nos bairros da miseria soava um côro de lamentações. A Fome entrava em todos os lares, e nem um só fogo tinha uma brasa: os velhos gelavam aos cantos, e as creanças chafurdavam pelos beccos.

Uma colera surda, uma revolta intima de vindictas desculpaveis nascidas da fome de pão e de liberdade, passava por todo o bairro, atravessava toda uma cidade, e corria por todo o paiz, como o sangue corre pelas veias d'um homem.

Essa colera surda, essa corrente de revoltas, esse sangue das arterias d'uma cidade em que a doença e a fome perpetuamente rezidem, era o sangue com que se havia de amassar o 31 de janeiro.

O movimento resultante das côleras do povo espesinhado, fez-se, mas os heroes foram sacrificados, como o são quasi sempre os propagadores das ideias avançadas e generosas, que tendem a derrubar o existente quando o existente é mau e pernicioso.

Os canhões troaram, os martyres cahiram, para não mais ver o sol nascente, e a monarchia essa velha e desdentada prostituta de sete seculos, envolta em sedas, embebida em essencias finas, salvou-se, sahindo illesa da carnificina, por si ordenada; e com um sorrisinho aviltante, escarnecendo da miseria, escarrando nas aspirações d'um povo, ella arregaçava n'um gesto de desvergonhada, os vestidos manchados do sangue rubro dos heroes.

Ah! mas não teve duvida! Se o 31 de janeiro, foi amassado com o sangue e os sacrificios da «canalha», o sangue que n'esse dia correu foi o fermento d'onde brotou o 5 d'Outubro, e os canhões que em 31 massacravam os heroes, d'esta vez fraternizavam com elles, porque o soldado não é mais que o Povo, assim como o Povo não é mais que a Humanidade, que na sua lenta mas infallivel evolução se encaminha para a Luz, que é onde se pode encontrar a Paz.

JOAQUIM NEVES.

Aos heroes de 31

Tiremos o chapeu e reverentes
Saudemos os heroes, sacrificados
Aos seus ideaes puros, professados
Na paz e nos combates mais ardentes!

São dôces corações os dos valentes
Que não querem os pobres humilhados!
Benditos sejam sempre esses soldados
Que tombaram, heroicos combatentes!

Foram elles os nobres precursores
Que soffreram por um ideal novo,
Almas feitas de rosas e de amores,

Saudemos os viventes, que aqui louvo,
Choremos os tombados luctadores,
Agora que é mais livre o humilde Povo!

VIU-SE GREGO.

O CHOLERA NA MADEIRA

O ZÉ organisa uma festa

A terrivel epidemia que ultimamente grassou n'aquelle encantador pedaço do torrão portuguez deixou, marcando a sua passagem, uma multidão de famintos, de abandonados. A iniciativa particular não póde ficar de braços cruzados ante tamanha desgraça devendo todos contribuir o mais que possam para melhorar a sorte d'esses desgraçados. N'esse sentido a redacção de «O Zé» resolveu organisar um sarau a favor das victimas do cholera para o qual espera não lhe faltarão auxilios, attento o seu fim humanitario.

Toda a correspondencia sobre este assumpto deve ser dirigida ao nosso collega Eurico Zuzarte para a redacção d'O Zé, R. da Rosa, 162, 1.º

Tres datas gloriosas

Do movimento revolucionario de 31 de janeiro surge, egregia, uma pleiade de figuras veneraveis para d'ahi em diante, ser a encarnação de rebeldia, a synthese perfeita do povo oppresso, avido de Liberdade. Deportados alguns nos carceres d'Africa, outros soffrendo os rigores ignominiosos da monarchia, no continente, ella representa bem o Prometeu luso accorentado ao Caucaso da tyrannia do rei Carlos; e o seu estoicismo, a altivez e o retesar dos nervos d'aço para quebrar as algemas, ainda vem ensinar que a liberdade conquista-se pela violencia, pela tenacidade, pela coragem.

Intelligencia, valentia, abnegação. O pamphleto e a barricada. A subtileza do estylo d'uns, a penna rigorosa, a clarividencia e a austeridade inegualavel d'outros surprehendem: a sua fé inquebrantavel e a sua perseverança na brecha maravilham.

31 de janeiro, 28 de janeiro e 5 d'outubro, não seriam datas gloriosas na historia gigantea da Liberdade sem o esforço titanico d'um grupo revolucionario, audacioso. Paiz inteiro conhece esses heroes, paiz inteiro os venera, todo o paiz os admira!

Elles que foram outr'ora a encarnação vivida da Patria oppressa, devem ser hoje amados como o symbolo da Republica pelos tempos fóra.

HENRIQUE DE CARVALHO.

A revolta do Porto foi a tentativa audaz e santa dos patriotas que procuravam salvar este paiz e libertar este povo, assegurando a gloria de um e o futuro do outro

Mayer Garção.

PHANTASIAS

(Retirado do numero anterior)

Antonio José d'Almeida

Este vulto cujo culto hoje prestamos e que hoje tanto vale, nasceu em Valle de Vinha e logo que ao mundo vinha, na freguezia de S. Pedro de Alva, a estrella d'alva dos nossos destinos indicou ser elle o indicado para as aventuras grandiozas do paiz... do mundo e da lucta. Sem espirito, o seu espirito lucido, e o seu caracter honrado e bom, mau e feroz para a monarchia, começaram a faze-lo salientar-se em Coimbra. Alma aberta aos ideaes amplos e olhos fechados á maldade, nobre, sem brazão (com Ferreira da Silva) logo em Coimbra desafrontou com a sua «Desafronta», na hora de temeridade, a ira dos professores que era um perigo.

Sem ser militar, foi militar... na politica vermelha, o que tornava verdes de inveja os seus collegas... thalassas, e fazia verem-se azues os politicos do tempo. No seu jornal o «Ultimatum» publicou um artigo «Bragança, o ultimo» que por elle não ter rendas, lhe rendeu... 3 mezes de prisão. A academia manifestou-se e em 25 de junho de 1890 data celebre pela data de pancada, o Dr. Antonio José d'Almeida não lhe offereceu um banquete porque a policia se encarregou de peixe... espada. Logo que teve soltura não vieram os medicos, mas os seus collegas, tornando a haver «molho», peixe espada e castanhas. Da posse do segredo de 31 de Janeiro, um 31 bem armado... á monarchia, elle era a alma da revolta em Coimbra como mais tarde veiu a ser a alma da «. «Alma nacional» em Lisboa. Tendo sido na Universidade o que se chama um «urso» ao acabar o curso, como tinha sido um negro a trabalhar e queria ver e querer como S. Thomé, foi curar o negro para S. Thomé. Segundo, primeiro um terceiro nos disse, fora experimentar local bom para se um dia fosse com o Affonso Costa, para a... Costa d'Africa. Por lá praticou feitos, feitos pelo seu grande caracter e até se canta e conta que á despedida toda a Africa convergiu á ponte do ponto de embarque para o demover do seu intento. Nada o abalava e abalou vindo com a saude abalada para a Europa; não encontrando em Portugal curas para os seus males senão curas... e bispos de caras alvares, foi para o Extrangeiro. Quando voltou, votou ao desprezo o seu bem estar, propondo-se a ser votado, para cuidar do bem estar da Patria. D'uma vez o Peral d'outro a Azambuja falcatruando impediram-no de entrar nas côrtes. Porem com João Franco no poder, pôde com Alexandre Braga; AffonsoCosta e João Menezes, ir lá formando aquelle pedestral d'onde brotou o 5 d'Outubro Foi lá, na memoravel sessão de 20 de Novembro, quando o presidente armou aquella farça da força armada; armada ao effeito, para fazer sair o tribuno do povo, Affonso Costa e entrar tudo na ordem, que elle brada de pé na sua carteira: Soldados! Lembrai-vos que sois cidadãos! Vamos para a revolução. Com essa meia duzia de baionettas e com a minha voz, atravessando a cidade poderemos fazer o resgate d'um povo inteiro, promovendo a Gloria de uma Patria Nova! Dito o dito,o dito orador, fez recuar os soldados um passo, ao passo que o paço tremeu ao ouvir a sua voz. Quando depois é expulso Alexandre Braga, elle bota nova falla na salla, que calla a maioria e falla o presidente.—Sr Presidente! Tenho uma bandeira entregue á minha defeza. Foi o meu partido que m'a confiou. Não tombará no solo por cansaço ou desenido das minhas mãos. Quem quizer leva-la ha-de cortar-me os pulsos. D'aqui para fóra só manietado ou morto!» Definida a situação estas palavras definem o homem que brilha no meio d'um meio de burguezes jogadores de bisca e do... solo. Sol do nosso ideal, Gloria do nosso solo. Vem á ditadura, e como a dita era dura de roer e o Franco pouco franco a não puzera no programma que o povo gramma, fartos da sua prosa, põe-se o praso para se estoirar em 28 de Janeiro, quando é preso o bijou revolucionario. Fizeram mal. Os revolucionarios pensavam para a nação,n'uma forma como a Suissa, e fazem apparecer o Buissa. Pum, catra pum. Era uma vez um rei... pequenino que subia ao throno por morte de seu pai. Durante o reinado d'este, Antonio José d'Almeida vai novamente ás cortes e é então que aparece a sua «alma,» ...de capa encarnada e collaborada pelos melhores escriptores do partido... inteiro e sem dissidencias nem dissidentes. Proclamada Ella e posto o reino a andar, e o rei no andar da rua, lembraram-se de que Antonio José d'Almeida sendo medico, devia saber de intestinos e miudos (demais a mais agora que é casado) do paiz, e nomearam-no ministro do interior. N'uma era de trabalho e casado de pouco não tolera que se não trabalhe á noite e por isso tem-se visto á brecha e visto uma braxa com os caixeiros na brecha.

Prometteu foi livre por Hercules do seu supplicio, e elle que sem ser Prometteu tambem prometteu, viu se livre pela sua honradez heroica da falta de cumprimento da sua promessa.

Eis o Homem que a Republica se orgulha de ter como ministro, e ideia a «Republica» como director.

O seu primeiro artigo n'este jornal era «Paz.» Nós concordamos. «Haja» pás. Bastantes pás, para enterrar os despojos nauseabundos que a monarchia nos legou.

Alem disso temos, como dissemos que é caradinho de fresco.

EU FICORAZO.

Diz se, e é verdade, que o 31 de Janeiro determinou um recuo na marcha da ideia republicana, protraindo o seu decisivo triumpho; mas teve ao menos esta vantagem—demonstrar que alguem havia capaz de sahir á rua, com uma arma na mão! sacrificando a vida pela patria.

Brito Camacho.

O ZÉ no theatro

Era uma d'estas tardes frias e humidas de que ultimamente Lisboa tem sido tão prodiga. Cheios de frio e de fome resolvemos ir até casa aconchegar-mo-nos no seio da familia e tomarmos uma sopa reparadora. Tomamos um carro «Lumiar», sentamo-nos commodamente e passados minutos Zé gordo apitava e o carro desandava. Dada a volta ao Rocio tivemos a agradavel surpreza de vêr entrar a distincta actriz D. Cremilda de Oliveira que ultimamente tem causado um successo estrondoso no

Avenida pela forma admiravel como interpreta os principaes papeis das magnificas opperetas do bello reportorio d'aquelle theatro. Ainda hontem no «Camponez alegre» ella mostrou bem quanto vale como artista. Ia com um sujeito de cara rapada que não conhecemos e deram-me o grande prazer de se sentarem no banco immediato. Vamos reproduzir a sua conversação o melhor que pudermos.

—Marcellino Mesquita é para mim o primeiro auctor.

—Oh! sem duvida. E nos seus primeiros triumphos conta a «Margarida do Monte» que a companhia do

Republica desempenha magistralmente.

—A **Trindade** está dando tambem um desempenho fóra do vulgar ás suas peças.

—Alem d'isso o Taveira prima em as pôr em scena muito bem montadas.

—D'onde lhe succede ganhar um dinheirão, como agora com os «Amores de Principe».

—A respeito de ganhar dinheiro o

Gymnasio não lhe fica atraz.

—E tem lá elementos de grande valor.

—Oh! se tem. O Christiano, a Lucinda.

—Bons elementos tambem tem o

Colyseu na companhia organisada pelo Giovanini.

—Isso não admira pois o Santos caprichou sempre em bem servir o publico que lhe paga dando successivas enchentes,

—Agora pôr enchentes o,

Apollo com a «Bailarina» é que vae encher a burra ao Ruas.

—Que, coitado, andava pelas ruas da amargura.

—Se sempre lhe corresse a vida como para a

Rua dos Condes

—Estava em pouco tempo capitulista que é o que succede ao Alves da Silva.

—E só elle é que se utilizou dos ultimos acontecimentos.

—Foi a maneira de se vêr livre do antigo reportorio, dando ao publico peças por que elle tanto anceava, como a «Patria Livre» em que é de um effeito suprehendente a apotheose á Republica.

—Quem não navega em mar de rosas é o

Nacional

—Não consegue uma taboa de salvação.

—Nem uma «Bi...» a de successo. Estavamos no Matadouro. Fizemos tlim e fomos rua fora pensando no punhado de verdades que a grande artista e o seu companheiro haviam dito.

Um cá de casa que escuta a conversa dos parceiros

Informam-nos que o governo vae lançar contribuições sobre companhias extrangeiras de variedades. Muito bem. Começa a protecção ao theatro nacional.

ANIMATOGRAPHOS

Quem não tem onde a noite alegre passe,
Vae ao *Chiado Terrasse*.
Quem de mimosas fitas tem saudade,
Vae ao *Salão Trindade*,
Quem quer fitas catitas sem egual
Vae ao *Salão Central*.
Quem quer de tanto rir romper o coz
Das calças, vae ao *Foz*.
Quem só quer ver de fitas variedade
Vae logo ao *Liberdade*.
Quem quer ver do Pathé o original
Vae ao *Salão Ideal*.
Quem só quer gosar, vae de corropio
Ao *Palace Rocio*
Quem tem vintem para alegrar a vida
Visita o *Avenida*.
Quem não tem uma chêta são ... em summa
Não vae a parte alguma!

A Manoel Buiça e Alfredo Costa

Ousou alguem chamar vos assassinos:
A escoria d'uma raça nauseante,
Não ter o vosso gesto atenuante
Matar um rei! Oh! instinctos ferinos!

A quem n'um turbilhão de desatinos
N'um gesto traiçoeiro arrogante
Levou a fome, a dôr mais cruciante
A mães, a paes, a filhos pequeninos.

Disseram ser um rei martyrisado!
Seu nome em pedra ia ser gravado
Exposto assim á sã posteridade.

A vós, heroes, o bando de chacaes
Maldizem quem vos lance nos covaes
As folhas do martyrio e da saudade!

STYL.

Irmãs nas derrotas, mas a ambas o mesmo Sol aquece